

CAPITALISMO E SISTEMA FINANCEIRO: A GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA E A DESTRUIÇÃO DAS BASES DA EXISTÊNCIA HUMANA¹

*João Carlos Soares ZUIN**

Luciano Gallino é professor emérito de Sociologia na Universidade de Torino. Sua atividade intelectual sempre foi voltada para a compreensão e interpretação do sentido e da significação das principais mudanças e contradições da sociedade capitalista no século XX. A modernidade e os processos de modernização ocupam um lugar de destaque em seus livros, sobretudo, na análise atenta dos problemas que envolvem as relações de trabalho e a produção industrial, as mudanças no modo de produção e acumulação do capital e suas implicações nas formas de sociabilidade, as invenções tecnológicas e os processos de formação social, os avanços e os retrocessos da sociedade democrática.

Há mais de dez anos, a investigação sociológica desenvolvida por Gallino gira em torno do projeto político da globalização econômica, das novas formas de extração de valor e da desigualdade social (GALLINO, 2000, 2009), do vertiginoso declínio da indústria na Itália no final do século XX e da crescente degradação e decomposição da democracia italiana (GALLINO, 2003, 2006), da vitoriosa ideologia do trabalho flexível e da implacável irracionalidade da industrial irresponsável (GALLINO, 2005, 2007), do profundo impacto do trabalho flexível nas relações sociais e na sociedade nacional (GALLINO, 2005). O pensamento sociológico de Luciano Gallino não é endereçado apenas para os limites da academia e para as exigências rigorosas do leitor especializado, mas está contido nas centenas de artigos publicados nos jornais *Il Giorno*, *La Stampa* e *La Repubblica*. Seja nos

¹ Resenha da obra: GALLINO, Luciano. *Finanzcapitalismo: la civiltà del denaro in crisi*. Torino: Giulio Einaudi Editore, 2011.

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14.800-901–zuin@fclar.unesp.br

livros, seja nos artigos de jornais, Luciano Gallino mantém acesa a chama da teoria sociológica crítica que, denunciando a invisibilidade do poder nas manifestações apologéticas contidas nas fórmulas e paradigmas criados no curso do processo de globalização econômica, contribui para a formação social de um processo de esclarecimento que possa conter o avanço do atual curso das tragédias e das catástrofes sociais.

Em seu mais recente livro, *Finanzcapitalismo: la civiltà del denaro in crisi* (Capitalismo financeiro. A civilização do dinheiro em crise), Luciano Gallino aprofunda as investigações realizadas sobre o fenômeno da globalização econômica, tendo agora em foco o gigantesco desenvolvimento do sistema financeiro nos últimos trinta anos e as impactantes mudanças nas relações sociais e no processo civilizatório. Organizado em quatro capítulos, nos três primeiros o autor reconstrói o desenvolvimento do potentíssimo crescimento das operações financeiras criadas pelas elites econômicas e políticas mundiais, que nos anos oitenta operavam com ativos financeiros equivalentes ao PIB mundial e, no momento da crise de 2007-2008, com ativos superiores a quatro vezes o PIB existente no mundo. A narrativa sociológica que expõe e explica a formação da grandeza do poder político e econômico concentrado no sistema financeiro, em suas múltiplas atividades e nas mais diversas formas de ação, desdobra sua argumentação nas consequências ocorridas nas relações de trabalho e de produção, no aumento vertiginoso do desemprego e da marginalidade, na polarização cada vez maior entre a riqueza acumulada em pequenas elites mundiais e a pobreza esparramada pelo mundo, na formação das identidades pessoais e nas experiências coletivas, no declínio do Estado Social e no ressurgimento da política de força e nas guerras, nas crises ambientais e econômicas, no surgimento de gravíssimas patologias sociais (as altíssimas taxas de desemprego e a elevação do trabalho informal, o aumento da pobreza extrema e das favelas, o retorno do nacionalismo e da xenofobia, a política demagógica e o populismo penal, entre outros).

A principal tese desenvolvida por Gallino é a de que não podemos compreender as profundas mudanças que geraram o fenômeno da globalização apenas seguindo o curso do raciocínio econômico e do desenvolvimento das sofisticadas tecnologias de produção e comunicação. As alterações no processo de produção e reprodução do valor, a criação das empresas transnacionais, o vertiginoso declínio do Estado Social, a formação do atual “sistema financeiro” devem ser compreendidas como partes articuladas de um processo ideológico de conquista do poder que é eminentemente político. Para Luciano Gallino, estamos vivenciando o surgimento de uma nova fase do capitalismo, cuja força mais potente é o “capitalismo financeiro”, categorizado como sendo “[...] uma megamáquina que foi desenvolvida no curso das últimas décadas com a finalidade de maximizar e acumular, na forma

de capital e igualmente de poder, o valor extraído seja do maior número possível dos seres humanos, seja dos ecossistemas”. As “megamáquinas” de valorização e extração do valor demonstraram ter imensa capacidade para ultrapassar as fronteiras e os limites naturais, culturais, econômicos e políticos. São forças políticas que operam economicamente em todo o globo, seguindo vorazmente a extração do valor a todo custo, sem se preocupar com as consequências ambientais e culturais (devastação, contaminação e poluição do meio ambiente; desregulamentação da economia e desorganização do consenso político), nem mesmo com os custos individuais e coletivos (perda da dignidade das pessoas desempregadas, exclusão social, marginalização). Capazes de transformar tudo o que existe em um elemento da máquina de extração de valor, não importando que aquilo que seja hoje tocado por tal lógica possa amanhã ser abandonado ou destruído, podem determinar “todo o momento e aspecto da existência de uns e de outros, do nascimento até a morte ou ao extermínio”. Uma lógica de ação que vê os recursos naturais e os seres vivos, as pessoas e os bens culturais somente pelo aspecto da valorização imediata.

Luciano Gallino descreve e analisa a nova fase do capitalismo como um mecanismo de poder totalizante e totalitário, que tem como principal “máquina” a indústria financeira (composta pelas “grandes sociedades que operam ao menos em uma dezena de setores de atividades distintas”, tais como: agências de seguros, agências de empréstimos imobiliários, bancos comerciais, bancos de investimentos, fundos de pensão, fundos de investimento, especulação financeira, derivativos, entre outras), uma força que superou a capacidade de extração de valor do capitalismo industrial e, que através do dinheiro que gera mais dinheiro, desvaloriza o trabalho, acumula riqueza como nunca antes e impõe profundas mudanças “em todos os sub-sistemas sociais, e em todos os extratos da sociedade, da natureza e da pessoa”. Uma máquina social desenvolvida com o que de mais sofisticado criou a inteligência humana no processo de racionalização do mundo e do mundo da vida no século XX (excepcional progresso científico e técnico, maior racionalização da produção, melhores meios de comunicação, melhores meios de transporte, desenvolvimento da eletrônica e da microeletrônica, criação da informática, redes de comunicação e da internet), que foi capaz de compreender e utilizar muitos dos elementos e das forças da natureza no processo produtivo, mas que atualmente serve “para transformar os seres humanos em robôs, ou seja, em servos-mecanismos”. Para o autor, uma das maiores conquistas do pensamento neoliberal nos últimos trinta anos foi incutir e generalizar a ideologia do trabalho flexível, a vida voltada para o consumo infantilizado e o endividamento permanente. Uma poderosa força política, econômica e tecnológica que se desenvolve gerando crises econômicas sempre mais devastadoras, sobretudo para os trabalhadores que, tratados como mercadorias e submetidos aos cálculos contábeis das grandes corporações

transnacionais são ameaçados e lançados na vida precária, na insegurança e no mal-estar, no desemprego de longa duração e na queda do nível de vida, no processo de marginalização e na efetiva miséria material, na fome e no desenvolvimento de doenças patológicas.

No quarto e último capítulo, Luciano Gallino problematiza a necessidade e a possibilidade de “civilizar o capitalismo financeiro”. São páginas escritas com a tinta do realismo em tempos profundamente sombrios, mas também com a vontade cívica e política de conter o avanço da voracidade e da irresponsabilidade das “megamáquinas”. Problematiza e chama a atenção do leitor para os fundos de pensão e os sindicatos (que deveriam atuar de forma mais responsável e incisiva na política de investimento sustentável), para a regulamentação das operações financeiras (por mais que seja extremamente difícil seu controle na era da internet, dos computadores super-velozes e do instante), para a necessidade dos cidadãos refletirem sobre a fatalidade social e ambiental gerada pelo “homem econômico”, reduzido a uma espécie de máquina de calcular e desprovido de senso coletivo e público. Um chamado à consciência social e política na atual fase do capitalismo que pode acabar por comprometer decisivamente as bases que sustentam a subsistência humana e a sociedade democrática.

Referências

- GALLINO, L. **Con i soldi degli altri**: il capitalismo per procura contro l’economia. Torino: Einaudi, 2009.
- GALLINO, L. **Globalizzazione e disuguaglianze**. Bari: Laterza, 2000.
- GALLINO, L. **Il costo umano della flessibilità**. 5. ed. Bari: Laterza, 2005.
- GALLINO, L. **Il lavoro non è una merce**: contro la flessibilità. 2. ed. Bari: Laterza, 2007.
- GALLINO, L. **Italia in frantumi**. Bari: Laterza, 2006.
- GALLINO, L. **La scomparsa dell’Italia industriale**. Torino: Einaudi, 2003.
- GALLINO, L. **L’impresa irresponsabile**. Torino: Einaudi, 2005.